

Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN

Associação Brasileira de Lingüística
Universidade de Brasília

Lúcia Maria Pinheiro Lobato
Stella Maris Bortoni-Ricardo
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Heloisa Maria Moreira Lima Salles
Maria Marta Pereira Scherre
Daniele Marcelle Grannier

(Organizadores)

2005

Equipe editorial

Coordenação e supervisão editorial ■ Ana Suely Arruda Câmara Cabral e Sanderson Castro Soares de Oliveira

Assistente de supervisão

Eliete Bararuá Solano

Editoração eletrônica ■ Eugênio Felix Braga

Webmaster

Ricardo Ferreira

Apoio

CNPq; CAPES; União Latina; Editora Contexto; CESPE/UnB; Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social/ MCT;

Programa de Pós-Graduação em Lingüística – UnB; Departamento de Lingüística;

Línguas Clássicas e Vernácula – LIV/UnB; Laboratório de Línguas Indígenas – LALI/UnB.

Capa

Rudá Cabral de M. Barros

Congresso internacional da ABRALIN (4. : 2005) / Anais do IV congresso internacional da ABRALIN. -- Brasília : [s.n.], 2005. 1600 p.

Publicação somente on-line

1. Lingüística teórica e descritiva.
2. Fonética e fonologia.
3. Teoria da gramática.
4. Línguas de sinais.
5. Línguas indígenas.
6. Análise do discurso.
7. Morfossintaxe.
8. Psicolingüística.
9. Lexicologia e lexicografia.

CATEGORIAS MORFOSSINTÁTICAS E SEMÂNTICAS DO NOME XERENTE: NÚMERO, GÊNERO E GRAU

Sival Martins de Sousa FILHO (PG/UFG)¹²

INTRODUÇÃO

A língua Akwẽ-Xerente (Jê), falada por uma população de + - 3100 indivíduos que vivem em Tocantínia –TO, é pouco estudada. Entre os estudos sobre a língua contamos com uma descrição fonêmica (Mattos, 1973) e dois estudos que tratam basicamente de processos de nominalização Xerente (Santos, 2001 e Siqueira, 2003). Desde 2003, temos estudado a língua com o objetivo de descrever alguns de seus aspectos morfofossintáticos, para os quais já apontamos algumas considerações (Sousa Filho 2003, 2004a, 2004b e 2004c). Neste texto trataremos especificamente de algumas categorias morfofossintáticas e semânticas do nome em Xerente.

Segundo Câmara Júnior (1959, p. 180), desde a Antigüidade, o nome é definido a partir de sua comparação com o verbo. Assim, em uma das antigas línguas indo-européias, o nome era definido como “vocábulo com DECLINAÇÃO e o verbo como vocábulo com CONJUGAÇÃO”, conseqüentemente, o primeiro se definia pelo seu traço semântico [+estático] e o segundo, [+dinâmico]. Neste sentido, percebe-se que tradicionalmente o critério formal tem sido usado para a classificação das palavras e que o seu uso constitui-se em ferramenta operacional do lingüista, sobretudo pelo caráter distribucional, processado no sistema mediante critérios formais. É claro que os traços semânticos usados para definir nome, verbo, adjetivo e outras classes de palavras podem ser contestados, como fazem Cavalcante et alii (2003). Por outro lado, também é evidente que as categorias morfofossintáticas podem guiar-nos na tarefa de delimitar classes de palavras em uma língua particular, como afirma Seki (2000a).

Nosso propósito neste texto é discutir o estabelecimento de algumas categorias morfosintáticas e semânticas que são usadas tradicionalmente na definição de palavras que pertencem à classe de nomes. Entre essas categorias, a de número, gênero e grau, são segundo Seki (2000b), habitualmente tratadas como inerentes aos nomes. Observamos anteriormente (Sousa Filho, 2004a) que o caso genitivo em Xerente é realizado a partir de um conjunto de morfemas que é prefixado ao nome. Tratamos agora das categorias de número, gênero e grau, as quais ocorrem a partir de sufixos ou palavras que são apostas ao nome ou por outros meios (ou processos), como se verá adiante.

¹ Esse artigo faz parte do meu trabalho de doutorado, inserido no Projeto Línguas Indígenas Ameaçadas: Documentação (descrição e análise) e Tipologias Sociolingüísticas, coordenado pela Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio, CNPq, processo 501337/2003-2. Também sou bolsista do CNPq.

² Dedico este texto ao Romário Ainãhrã Xerente, desaparecido precocemente em fevereiro de 2005, e aos seus familiares.

FLEXÕES EM NÚMERO NOS NOMES

Em Xerente, há três números: o singular, o dual e o plural. Nos nomes com traço [-humanos] esses números são marcados em verbos que admitem supletividade,³ ou seja, os verbos mudam suas raízes ou temas para marcar o número de seus argumentos, como ilustram os exemplos em (1), (2), (3), (4) e (5):

- (1) kuba māt wara
barco 3.Pass partir (SG)⁴
'O barco partiu'
- (2) kuba māt ti-ssamrō
barco 3.Pass 3-partir (DU)
'Os barcos (eles dois) partiram'
- (3) kuba māt ssakre
barco 3.Pass partir (PL)
'Os barcos (todos) partiram'
- (4) tahã māt sika kmē wī
ele 3.Pass galinha - matar (SG)
'Ele matou a galinha'
- (5) tahã māt sika kmē pã
ele 3.Pass galinha - matar (DU)⁵
'Ele matou (duas) galinhas'

O fato apresentado nos permite afirmar que há em Xerente uma modalidade numérica que se materializa na variação de formas do verbo, isto é, não há no nome com traço [-humano] marcas de número. Assim, a modalidade de número singular, dual ou plural pode ser vista como um traço da sentença e que o tema verbal informa o número de ações e seres no espaço e no tempo.

Em sentenças com verbos que não admitem supletividade, como os descritivos e alguns ativos, o número dual ou plural dos argumentos que possuem traço [-humano] é obtido pelo uso de pronomes indefinidos (quantificadores), como ocorre em (6), (7) e (8):

³ Ainda estamos testando os verbos para propor um inventário dos que admitem o fenômeno da supletividade. A primeira vista, todavia, notamos que o fenômeno é característica de verbos ativos.

⁴ As abreviaturas e notações usadas neste texto são as seguintes: ADV=Advérbio; COM=Comitativo; CONJ=Conjunção; DIR=Diretivo; DU=Dual; EXOR=exortativo; EVID=Evidencial; Fut=Futuro; GEN=gênero; IMP=Imperfectivo; INES=Inessivo; MAL= Malefativo; NMZ=Nominalizador; N. PES=Nome Pessoal; O= Objeto direto/indireto; ORIG =Origem; Pass= passado; PAS.REM=Passado remoto; PL=Plural; Pr=Processo; PRED=Predicativo; Pron. Ind.= Pronome indefinido; RC= Prefixo Relacional de Contigüidade; Ref=Reflexivo; RN= Prefixo Relacional de Não-contigüidade; S=Sujeito de verbos intransitivos; SG=Singular; 1= 1ª pessoa do singular; 2=pessoa do singular e 3 = 3ª pessoa do singular.

⁵ A supletividade verbal marca os argumentos **S** de verbos intransitivos e os argumentos **O** de verbos transitivos, como ocorre nos exemplos de (1) a (5) e (18) e (19), adiante. D'Angelis (2004) discute situação similar ocorrendo na língua Kaingang. Entretanto, falta-nos inventariar os verbos supletivos Xerente para propor uma análise mais acurada do tema. Por ora, acreditamos que a análise apresentada é suficiente para descrevermos a categoria de número em Xerente, especificamente as flexões ou concordâncias desencadeadas por essa categoria.

- (6) hesu mnõ suihire-ki
folha pron. ind. fina –PRED
'As folhas são finas' (*lit.* 'A folha cada uma do grupo fina ser').
- (7) saktẽawre pikõisikuzaze mãto t-si-hewazu
muitos vestido 3.Pass. 3-Ref-rasgar
'Muitos vestidos rasgaram-se'
- (8) smĩkemre kahi-di kãnmẽ
faca muitas-PRED aqui
'Aqui tem muitas facas' (*lit.* 'Faca muitas ter aqui')

Em nomes que possuem traços [+humano], o número é marcado pelo sufixo de dual ou plural **-nõrĩ**,⁶ sendo que os verbos ativos flexionam-se em número - para concordar com os nomes ou pronomes que admitem o acréscimo do sufixo de número: **-ø**, para a 3ª pessoa dual ou plural, **-kwa**, para 2ª, e **-nĩ**, para a 1ª. Também nas sentenças que possuem como argumentos os nomes [+humanos], a distinção entre dual ou plural é obtida mediante os temas verbais supletivos. A segunda pessoa dual ou plural é marcada pelo acréscimo do sufixo **-kwa** tanto no nome quanto no verbo. Os exemplos em (9), (10), (11), (12) e (13) ilustram o plural e o dual em sentenças que possuem nomes [+humano]:

- (9) ta-**nõrĩ** mãto kupa kwasa-**ø**
eles-PL 3.Pass mandioca carregar-3pl
'Eles carregaram mandioca.'
- (10) kubure toka-**nõrĩ-kwa** teza kadur-**kwa**
todos vocês-PL-2pl 2.Fut pegar-2pl
'Todos vocês vão pegar.'
- (11) wa-**nõrĩ** waza wa-sa-kahur-**nĩ**
Nós-PL 1pl-Fut 1pl-comer-comer-1pl
'Nós vamos comer'
- (12) wa-**nõrĩ** wat wa-simãsi-**nĩ**
Nós-DU 1.Pass 1du-chegar-1du
'Nós (nós dois) chegamos'
- (13) wa-**nõrĩ** wat wa-sinã-**nĩ**
Nós-PL 1.Pass 1pl-chegar-pl
'Nós (nós todos) chegamos'

Em se tratando de nomes que possuem o traço [+humano], para marcar o dual e o plural, só se pode dispensar o uso de **-nõrĩ** se houver na sentença o uso de numerais, ou seja, não

⁶ Segundo os Xerente, **-nõrĩ** não possui significado fora do sintagma nominal, "ele serve apenas pra dizer que é mais de um".

importa o tipo de verbo para indicar o número, pois o nome traz a marca de número mediante o uso ou a ausência de uso do sufixo **-nōrĩ ~ nōrai**:

- (14) wa-**nōrĩ** to akwē
Nós-PL COP Xerente
'Nós somos xerente'
- (15) **aikte-nōrĩ hīiwakrō-zawrē-di**
criança-PL febre-muito-PRED
'As crianças estão com muita febre.'
- (16) tokāhā ponkwanē aikte psere
estas dois crianças lindas
'Estas duas crianças lindas.'
- (17) pokwanē aikde hize -ki
dois criança febre -PRED
'Duas crianças estão com febre'
- (18) ambī nāt aikte-**nōrai**-wi wakrowde kī
homem 3.Pass. criança-PL-MAL arco pegar (SG)
'O homem pegou o arco das crianças (sem o consentimento delas).'
- (19) smīsi pikō nāt pikō-i-**nōrai**-wi siknō du
um mulher 3.Pass mulher-?-PL-MAL cesto pegar (PL)
'Uma mulher pegou os cestos das mulheres (sem o consentimento delas).'

CLASSIFICAÇÃO DE GÊNERO EM XERENTE

Elson e Pickett (1973, p. 36), afirmam que a “arbitrariedade nas classificações de gênero, no que diz respeito aos referentes do ‘mundo real’, varia de língua para língua”. Segundo Câmara Jr (1972, p. 119), tratando do gênero em português, “o que convém à descrição gramatical é se concentrar no mecanismo de flexão que cria nos substantivos portugueses uma oposição de gênero”, uma vez que o critério semântico do sexo só é teoricamente aplicável aos substantivos referentes aos itens do reino animal, pois só há certa correspondência entre sexo e gênero, isto é, não há necessariamente correspondência entre gênero ‘natural’ e gênero ‘gramatical’.

Em Xerente, não há gênero gramatical. A distinção entre os sexos, quando necessária, traduz-se por palavras equivalentes a “macho” e “fêmea”. Há porém palavras diferentes para distinguir as relações de parentesco Akwē:

- | | | |
|--------------------|---------------------|--------------------|
| (20) -ptōkwa “pai” | (21) -εparkwa “mãe” | (22) ture “menino” |
| (23) tare “menina” | (24) ambī “homem” | (25) pikō “mulher” |

Há duas formas usadas para indicar o sexo de animais, normalmente são acrescentados aos nomes os termos **krapre** “que dá luz, cria, é fêmea” e **krire** “macho” ou as locuções **šīpikō** “tornar-se mulher/fêmea” e **šīmambi** “tornar-se homem/macho”:

- | | |
|--|--|
| <p>(26) sika-krapre
ave (galináceo) acabou de criar
“Galinha”</p> | <p>(27) sika-krirẽ
ave (galináceo) macho
“Galo”</p> |
| <p>(28) krɔ-krapre
macaco que cria
“Macaca”</p> | <p>(29) krɔ-krirẽ
macaco macho
“Macaco”</p> |
| <p>(30) mǎku-sĩ-pikõ
pato-Pr-mulher/fêmea
pato transformado em mulher/fêmea
“Pata”</p> | <p>(31) mǎku-sĩ-m-ambi
pato-Pr-? – homem/macho
pato transformado em homem/macho
“Pato”</p> |

O gênero de certas entidades, como sol, lua, ou mesmo animais, é inferido, nas narrativas, por exemplo, através de seu papel social (ser marido, guerreiro, etc.) e pelo fato de exercerem atividades definidas culturalmente como sendo próprias de homem ou de mulher.

(32) wa ‘lua’ e sdakrɔ ‘sol’ formam uma parêntese masculina de heróis mitológicos.

Os nomes próprios (ou pessoais) mantêm correlações com animais, objetos e ações humanas (desencadeadas por sentimentos) que dão origem a esses nomes. Para indicar a nomeação de mulheres, usa-se os sufixos -ø, -di, -ti ou -ki e para a masculina, -ø, -mẽkwa e -kwa.

- | | |
|---|--|
| <p>(33) tpe-di
Peixe-NMZ
‘Nome próprio (ou pessoal) feminino’</p> | <p>(34) ke-ti
mel-NMZ
‘Nome próprio feminino’</p> |
| <p>(35) sibaka-di
garça-NMZ
‘Nome próprio feminino’</p> | <p>(36) sipri-ki
abelha-NMZ
‘Nome próprio feminino’</p> |
| <p>(37) brupahi-ø⁷
‘andorinha-NMZ’
‘Nome próprio feminino’</p> | <p>(38) wrẽ-wẽ-ø
‘anu (pássaro) bonito-NMZ’
‘Nome próprio masculino’</p> |
| <p>(39) ti-ĩ-kwa
flecha-?-NMZ
‘Nome próprio masculino’</p> | <p>(40) tpe-mẽkwa
peixe-NMZ
‘Nome próprio masculino’</p> |

⁷ Segundo informações dos Xerente, só informalmente se usa nome feminino sem os nominalizadores -di, -ti, -ki, ao contrário de nomes masculinos que devem ser usados com os nominalizadores -ø, -mẽkwa, e -kwa. Assim, o nome brupahi, a exemplo de sekwhahi-di ‘libélula-NMZ’, deve ser escrito/falado brupahi-di. Esse fato explicaria a simetria na distribuição da ‘regra’ de nomeação de homens e mulheres Akwẽ.

- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| (41) <i>simnã</i> | (42) <i>sinãĩ</i> |
| desconfiar, enciumar | perguntar, indagar |
| ‘Nome próprio masculino’ | ‘Nome próprio masculino’ |

Em Sousa Filho (2003), demonstramos que a base semântica para a classificação dos nomes próprios em Xerente não é somente marcada morfológicamente, mas depende de um contexto mais amplo que inclui fatores socioculturais da comunidade de fala dessa língua, ou seja, há uma forma toda especial de classificação dos nomes pessoais Xerente que mostra que a base semântica para a classificação dos nomes nessa língua é dependente do conhecimento de mitos e crenças culturais da comunidade de fala a que ela pertence. Apresentamos, na ocasião, uma descrição da classificação nominal mediante uma análise de base semântica (campos semânticos) que levou em consideração a relação entre os classificadores e a sua forma de organização pelos Xerente, tendo em vista os aspectos cosmológicos e mitológicos da sociedade *akwẽ*. Essa forma, como apontamos em 2003, permite uma classificação do nome pessoal em Xerente de forma a situar o indivíduo dentro das atividades que seu clã deve desempenhar na sociedade *akwẽ*.

Por fim, ressalta-se que há registros de vestígios de linguagens diferentes usadas pelo homem e pela mulher. Entretanto, convém frisar, como faz Borges (1996) ao discutir o fenômeno de fala masculina *versus* fala feminina no Karajá, que não há necessidade de coincidência entre registros de fala e gênero gramatical. Os exemplos (43), (44), (45) e (46) ilustram as diferenças entre falas masculina e feminina em Xerente:

- | | |
|------------------------|-------------------------|
| (43) <i>aze</i> | (44) <i>are</i> |
| EXORT | EXORT |
| Vamos! (fala feminina) | Vamos! (fala masculina) |
|
 | |
| (45) <i>taha</i> | (46) <i>mãĩ</i> |
| Pron. Inter. | Pron. Inter. |
| O que?! | O que?! |

É extremamente importante assinalar que a questão do gênero é complexa e bem abrangente e merece por si só um estudo aprofundado e acurado, o que pretendemos fazer em estudos posteriores. Ficando, portanto, aqui, uma espécie de súmula do tema abordado.

NOMES E A FLEXÃO EM GRAUS

Em Xerente, basicamente o diminutivo é feito a partir do acréscimo a um nome do sufixo diminutivo *-re*, como mostram os exemplos:

- | | | | |
|--|---------------------------|----------------|-------------------|
| (47) <i>tikanã wat</i> | <i>kĩwawẽ-wa</i> | <i>kuba-re</i> | <i>kmẽ kmãdik</i> |
| hoje | 1.Pass rio tocantins-INES | barco-DIM | - ver |
| ‘Hoje eu vi um barquinho no rio Tocantins’ | | | |

- (47)a) *kuba* ‘barco’ > *kuba-re* ‘barquinho’

- (48) wapsã-re māt amke sa
 cachorro-DIM. 3.Pass. cobra morder
 ‘O cachorrinho mordeu a cobra’

(48)a) wapsã ‘cachorro’ > wapsã-re ‘cachorrinho’

Percebe-se, observando os exemplos acima (47) e (48), que a flexão do diminutivo é sintética. Ao lado dessa forma sintética de flexionar-se em grau, a língua Xerente opera com a forma analítica de marcação de graus em nomes. No processo analítico, o nome (s/z)-awre ‘muito, grande’ é posposto ao nome que modifica:

- (49) wakrowde-z-awre we ã-m-duri
 arco -RC-grande DIR 1 DAT carregar
 ‘Traga o arco grande/arcão (para mim)!’

- (50) tbe-ĩ-s-awre
 peixe-?-RN-grande
 ‘Peixe grande / peixão’

Também, ao usar o nome (s/z)-awre para indicar o tamanho, a língua opera com processo de formação de palavra por justaposição, de acordo com a fórmula N+N, o que difere da flexão em grau. O acréscimo do nome a outros nomes (núcleo) implica hiponímia ou subcategorização semântica, de tal modo que poderíamos supor que não há flexão de grau para o aumentativo, mais um processo de derivação, cujo resultado é a formação de um nome aplicável a outro referente similar, como em (51) e (52):

- (51) kubazawre māt mnĩ akwẽ-nõĩ sõre
 navio 3.Pass DIR xerente-PL trazer (PL)
 ‘O navio trouxe os Xerente’

(51) a) kuba ‘barco’ > kubazawre ‘navio’

- (52) ambi-nõĩ māt ponkwanẽ kwihĩ pãn kizawre-wa
 homens-PL 3.Pass. dois jacaré matar (DU) rio-INES
 ‘Os homens mataram dois jacarés dentro do rio.’

(52) a) ki ‘água’ > Kizawre ‘rio’

Por fim, afirmamos que não há flexão de grau aumentativo na língua Xerente, uma vez que o nome (s/z)-awre na verdade é usado como um modificador, isto é, ele atua na função de adjetivo ou pronome e não como sufixo de aumentativo, como se verifica a partir dos seguintes exemplos:

- (53) rowakku-z-awre
 vento-RC-grande
 ‘O vento está forte/vento forte.’

- (54) ktiwankõ z-awɾɛ-di
 não-índio(branco) RC-bastante/muito-PRED
 ‘Tem muito branco’
- (55) kbadikre t-si-wazuit
 rede 3-Ref- rasgar
 ‘A rede rasgou-se (está rasgada)’
- (56) kbadikre-z-awɾɛ māt t-si-wazuit
 rede-RC-grande 3.Pass 3-Ref. rasgar
 ‘A rede grande rasgou-se.’
- (57) wa s-awɾɛ-di
 lua RN-grande-PRED
 ‘A lua é grande’

O superlativo parece ser não-marcado, como atestam os exemplos (abaixo) realizados a partir do nome **kahi** ‘muito, grande’ ou de **saktēare** ‘muito, bastante’:

- (52) “Cercadinho-wa wawẽ ĩstõ kahi-di
 Cercadinho-LOC velho ADV muito ter
 ‘No Cercadinho, tinha muitíssimos velhos.’
- (53) wa wa-hã rōwakrō-ktabi-di saktēare
 eu eu-ENF calor-EVID-PRED muito
 ‘Eu estou com muitíssimo calor mesmo (é verdade)’

CONSIDERAÇÕES

Verifica-se, pois, que as categorias estudadas trazem como ponto comum de manifestação a posição em que se dão as flexões, estas são sufixais ou ocorrem à direita do nome que as recebe. Como afirmamos, o caso genitivo é marcado em Xerente por meio de um complexo que é prefixado ao nome, ocorre à sua esquerda. Assim, temos essas duas possibilidades gramaticais que dizem respeito ao nome marcadas pelo contraste da posição em que ocorrem.

Enfim, o desenvolvimento do presente trabalho resulta de uma tentativa de trabalhar com as categorias morfossintáticas e semânticas, tendo como objetivo maior uma possível descrição das classes de palavras que compõem a língua Akwẽ-Xerente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, M. V. **As falas feminina e masculina no Karajá**. Dissertação de mestrado em Letras e Lingüística. Goiânia: UFG, 1996.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Princípios de Lingüística geral** – Como introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa. 3 ed. – Livraria Acadêmica: Rio de Janeiro, 1959.

_____. **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Seleção e introdução por Carlos E. F. Uchoa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. R.; ALENA, C. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Concordância verbal de número em Kaingang: algumas pistas. In: **Revista Liames** – Línguas Indígenas Ameríndias n. 1/2001. Campinas: Unicamp, 2004.

ELSON, Benjamin F. e PICKETT, Velma. **Introdução à morfologia e à sintaxe** – Tentativa e experimento. Trad. Aryon D. Rodrigues (e outros). Petrópolis: Vozes, 1973.

HYMES, Dell. **Foundations in sociolinguistics** – an ethnographic approach. 9 ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1994.

MATTOS, Rinaldo. Fonêmica Xerente. In: **Série Lingüística n. 1**. Brasília: SIL, 1973 (p 79-100).

SANTOS, Jayme Célio Furtado dos. Morfologia do Substantivo Xerente. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos. v. 7, n. 21, 2001. Online. URL: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(21\)08.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(21)08.htm)>.

SEKI, Lucy. Os Krenak (Botocudo Borum) e sua língua, in: Atas do I Congresso de Línguas Indígenas de Sudamérica, tomo I. Universidad Ricardo Palma: Lima-Peru, 2000a.

_____. **Gramática do Kamaiurá** – Língua Tupi-guarani do alto Xingu. Editora da Unicamp: Campinas-SP e Imprensa Oficial: São Paulo, 2000b.

SIQUIERA, Kênia M. de Freitas. **Aspectos do substantivo na língua Xerente**. Goiânia: UFG, 2003. (Dissertação de Mestrado).

SOUSA FILHO, S. M. Princípios de análise dos classificadores nominais em Xerente, trabalho apresentado II Encontro Nacional do GELCO. Goiânia: UFG, 2003.

_____. Construções possessivas em Akwẽ-Xerente (Jê). Trabalho apresentado no 52º Seminário do GEL. Campinas-SP: Unicamp, 2004a.

_____. Aspectos morfossintáticos do nome Xerente (Jê). Trabalho apresentado em Colóquios Lingüísticos do Museu Antropológico. Goiânia: UFG, 2004b.

_____. Aspectos morfossintáticos da língua Xerente. **I CONPEEX** – I Congresso Pesquisa, Ensino e Extensão da UFG. Goiânia: UFG, 2004c.